

**O processo de internacionalização de instituição de ensino superior: Universidade
Estadual da Paraíba em foco**

**The internationalization process of the higher education institution: Paraíba State
University in focus**

**El proceso de internacionalización de la institución de educación superior: Universidad
Estatad de Paraíba en foco**

Recebido: 18/10/2019 | Revisado: 25/10/2019 | Aceito: 05/11/2019 | Publicado: 07/11/2019

Christiano Cordeiro Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2623-8335>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: christianouepb@hotmail.com

Cláudio Simão de Lucena Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7649-724X>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: claudio.lucena@uepb.edu.br

Eduardo Gomes Onofre

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0773-5080>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: eduonofre@gmail.com

Gilberto Rodrigues Carneiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8799-062X>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: gilbertorodrigues@uepb.edu.br

Resumo

Diante da atual conjuntura marcada pela globalização, construir políticas conexas no âmbito internacional, através de cooperações entre instituições de ensino superior, configuram-se ações de caráter estratégico que corroboram com a missão universitária. A internacionalização das instituições de ensino superior é considerada, no tempo hodierno, uns dos quatro pilares da educação superior, juntamente com o ensino, a pesquisa e a extensão. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a confluência entre o processo de internacionalização da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e a participação do seu

corpo docente nesse fenômeno. A metodologia utilizada compreende uma abordagem quantitativa. Utilizamos como instrumento metodológico um questionário on line, construído conforme os conceitos abordados no referencial teórico, que foi disponibilizado no site da referida instituição no período de 28 de fevereiro a 31 de março de 2019, como também através das anotações coletadas nas visitas de observação realizadas nos oito campi que compõem a universidade. Essa pesquisa contou com a participação de 107 docentes da UEPB. Os resultados apontaram que o envolvimento dos professores da UEPB no processo de internalização da instituição ainda é incipiente, necessitando assim de uma maior mobilização da comunidade acadêmica para o efetivo desenvolvimento de tal processo, bem como um esforço institucional para a ampliar e consolidar cooperações internacionais. Portanto, a UEPB necessita desenvolver um maior investimento nas políticas institucionais para fortalecer o eixo da internacionalização.

Palavras-chave: Ensino Superior; Internacionalização; Participação docente

Abstract

In the current scenario, marked by globalization, building policies aimed at university internationalization, through cooperation between higher education institutions, are strategic actions that corroborate the university mission. Internationalization of higher education institutions is considered one of the four pillars of higher education, along with teaching, research and extension. From this perspective, this article aims to analyze the confluence between the internationalization process of Paraíba State University - UEPB and the participation of professors in this phenomenon. The methodology used comprises a quantitative and qualitative approach. We used as methodological instrument an online questionnaire, built according to the concepts studied in the theoretical framework, that was made available on the website of that institution from February 28 to March 31, 2019, as well as notes collected in the observation visits made on the eight campuses that make up the university. This research was attended by 107 professors from UEPB. The results showed that the involvement of UEPB professors in the internalization process of the institution is still incipient, thus requiring greater mobilization of the academic community for the effective development of such process, as well as an institutional effort to expand and consolidate international cooperation. Therefore, UEPB needs to invest in institutional policies to strengthen internationalization.

Keywords: Higher Education; Internationalization; Professors Participation.

Resumen

Dada la coyuntura actual marcada por la globalización, la construcción de políticas a nivel internacional, a través de la cooperación entre instituciones de educación superior, se configuran acciones estratégicas que corroboran con la misión universitaria. La internacionalización de las instituciones de educación superior, en el tiempo actual, es considerada uno de los cuatro pilares de la educación superior, junto con la enseñanza, la investigación y la extensión. Desde esta perspectiva, este artículo tiene como objetivo principal analizar la confluencia entre el proceso de internacionalización de la Universidad Estatal de Paraíba - UEPB y la participación de sus profesores en este fenómeno. La metodología utilizada comprende un enfoque cuantitativo y cualitativo. Utilizamos como instrumento metodológico un cuestionario on line, construido de acuerdo con los conceptos abordados en el marco teórico, que estuvo disponible en el sitio web de dicha institución del 28 de febrero al 31 de marzo de 2019, así como a través de las notas recopiladas en las visitas de observación realizadas en los ocho campus que componen la universidad. A esta investigación asistieron 107 maestros de la UEPB. Los resultados mostraron que la participación de los docentes UEPB en el proceso de internacionalización de la institución aún es incipiente, lo que requiere una mayor movilización de la comunidad académica para el desarrollo efectivo de dicho proceso, así como un esfuerzo institucional para expandir y consolidar las cooperaciones internacionales. Por lo tanto, UEPB necesita desarrollar una mayor inversión en políticas institucionales para fortalecer el eje de internacionalización.

Palabras clave: Educación superior; Internacionalización; Participación docente.

1. Introdução

Indubitavelmente, o processo de internacionalização modifica o contexto nacional e internacional das Instituições de Ensino Superior – IES, bem como gera impactos significativos no ensino e nos projetos, de extensão e pesquisa, desenvolvidos em tais instituições. Vale salientar que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/96, as IES se dividem legalmente em universidades, centros universitários e faculdades. Em relação às universidades, a LDB/96 afirma que “são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (Brasil, 1996, p. 37).

Ações de internacionalização irão contribuir significativamente na formação de professores, desenvolvimento e/ou aprofundamento de pesquisas, assim como em todas as

comunidades envolvidas nas atividades oferecidas as IES, influenciando, assim, no saber-fazer do corpo docente e discente. Para tanto, traçar estratégias de internacionalização universitária adequadas e capazes de impulsionar as redes de conexões internacionais, a produção de conhecimento, a mobilidade internacional – inbound e outbound – assim como ganhar visibilidade e destaque na área internacional sem renunciar os princípios éticos, políticos e sociais, não é uma tarefa fácil para as IES do século XXI.

De uma maneira geral, a internacionalização pode se configurar como um dos feedbacks da globalização. Mesmo que a internacionalização é um dos produtos da globalização, não pode ser considerado como um sinônimo de tal processo, haja vista que a (inter) nacionalização tem tanto elementos locais quanto globais e, portanto, transita e transcende elementos interculturais, que se traduzem em outras temáticas: “globalização da internacionalização” ou “pós-globalização e internacionalização” (De Wit, Gacel-Avila, Jones, & Jooste, 2017).

Sendo assim, além de construir múltiplas análises aos ditames da globalização, Morosini & Corte (2018) avaliam que a internacionalização da educação superior carrega inúmeras razões para uma ampla discussão acadêmica, dentre elas: razões políticas que buscam a promoção do bem comum e da paz; razões econômicas que vislumbram o desenvolvimento e crescimento econômico; razões socioculturais concernentes à interlocução e à disseminação de valores sociais, culturais e nacionais; e razões acadêmicas que priorizam a formação qualificada voltada para o mercado de trabalho.

Destarte a importância do desenvolvimento de tal processo na política das Instituições de Ensino Superior, a presente pesquisa parte da seguinte inquietação: Como se encontra o atual panorama da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB perante o processo de internacionalização a partir da participação do seu corpo docente? Com efeito, a presente pesquisa teve como objetivo principal analisar a confluência entre o processo de internacionalização da UEPB e a participação do seu corpo docente nesse fenômeno. Mais especificamente: apresentar o Estado da Arte da UEPB perante o cenário internacional; identificar o envolvimento dos professores da UEPB no processo de internacionalização; apontar as dificuldades para consolidar a internacionalização na UEPB.

Com os objetivos determinados, buscou-se obter um diagnóstico do estágio de internacionalização no qual os docentes da UEPB se encontram, através da aplicação de um questionário com 18 indagações que, dentre outros pontos relevantes, abordaram temáticas relacionadas a atividades técnicas e acadêmicas desenvolvidas no âmbito de cooperações com instituições estrangeiras. Os dados obtidos foram interpretados com apoio de uma base teórica

produzida por pesquisadores que se dedicam a entender e fomentar processos de internacionalização nas IES.

2. O processo de internacionalização nas IES

No processo de internacionalização do ensino superior, são inúmeros os impactos positivos, a exemplo da cooperação no âmbito científico, tecnológico e cultural, os diplomas validados nas instituições parceiras, a interação entre alunos, na graduação e na pós-graduação, e as discussões entre docentes, indicando que tal processo engloba aspectos políticos e socioculturais.

No que tange à internacionalização, Azevedo (2008) não a caracteriza apenas como um fenômeno metafísico que transpõe fronteiras. Muito além disso, apresenta-a como um processo de integração de alta complexidade intrínseco a um meio acadêmico que abarca diversos países, nos quais seus atores sociais se relacionam com a finalidade de intercambiar, cooperar e compartilhar (de modo solidário ou, sob uma ótica oposta, de maneira competitiva) espaços de influências ligados ao conhecimento, à ciência, à técnica, às artes e à cultura.

A partir das últimas décadas do século XX, a internacionalização das Instituições de Ensino Superior – IES começa a ganhar notoriedade nas pesquisas acadêmicas. Arum e Van de Water (1992) são autores que preconizam avanços na internacionalização das IES, ao desenharem essa modalidade como um conjunto de múltiplas atividades, que abrangem programas e serviços relacionados a estudos, intercâmbios e cooperações técnicas internacionais.

Em um aprofundamento sobre as múltiplas atividades elencadas por Arum e Van de Water (1992), Knight (1994) sinaliza que ações de internacionalização se confundem com a própria essência universitária: ensino, pesquisa e serviços das IES.

Essa caracterização descrita por Knight (1994) coaduna com o posicionamento adotado pela Associação de Universidades e Faculdades do Canadá sobre o tema. Destarte, essa definição de Knight (1994) parte da premissa que uma IES se internacionaliza sempre que contribui, por distintas ações e vieses, para a educação global.

Visando lograr êxito nos objetivos acadêmicos, o processo de internacionalização transcende o fomento da mobilidade acadêmica ou da inserção de elementos internacionais nos currículos. Conforme Leal & Stallivieri (2017), tal processo corresponde a alavancar a educação superior sob os aspectos de ciência, tecnologia, inovação e, sobretudo, de valores e

de cidadania, consubstanciando o interesse legítimo do desenvolvimento das nações, no intuito de formar cidadãos qualificados para enfrentar os desafios postos pela globalização.

No intuito de ilustrar a complexidade desse fenômeno, Knight (1994) sintetiza quatro abordagens clássicas para tratar dos conceitos relacionados com a internacionalização das IES, conforme pode-se perceber, a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 – Abordagens da internacionalização das IES.

Abordagem	Descrição
Processo	Esta abordagem considera a internacionalização da IES como um processo que integra uma dimensão internacional ou uma perspectiva para as principais funções da instituição. Uma ampla gama de atividades políticas e procedimentos são parte deste processo; e termos como condução, integração, penetração e incorporação são frequentemente usados para caracterizar essa abordagem.
Atividade	Esta abordagem descreve a internacionalização em termos de categorias ou tipos de atividades, como currículo, intercâmbio de pesquisadores e estudantes, e cooperação.
Competência	Esta abordagem analisa a internacionalização em termos de desenvolvimento de novas habilidades, atitudes e conhecimentos dos estudantes, pesquisadores e demais colaboradores das IES, trazendo, portanto, uma dimensão humana, não focada em atividades acadêmicas ou questões organizacionais.
Organizacional	Esta abordagem centra-se no desenvolvimento de uma cultura organizacional – incluindo hábitos e costumes - que valoriza e apoia iniciativas internacionais. Aproxima-se da abordagem do processo, mas traz a cultura como foco principal.

Fonte: Knight (1994, p.3).

Podemos observar, no quadro I, as quatro abordagens citadas por Knight (1994), que estão conexas à internacionalização das IES, as quais desvelam a subjetividade desse fenômeno, levando em consideração que cada contexto institucional é múltiplo e diverso, bem como cada IES se planifica em diferentes estágios de internacionalização. Logo, a escolha da abordagem e a maneira como ela vai ser desenvolvida está intimamente ligada às pretensões e às prioridades das instituições e da comunidade acadêmica envolvida.

Independentemente da abordagem utilizada, a internacionalização das IES abarca cooperação e mobilidade, compartilhamento de conhecimentos e educação internacional. Em vista disso, as IES devem se esmerar para se tornarem internacionais, sobretudo, devido às novas demandas que surgem para este nível de ensino. Com efeito, o envolvimento e a inserção da comunidade acadêmica (gestores, professores, técnicos e estudantes) no cenário internacional é um movimento que o âmbito universitário não pode se eximir, pois abrange dimensões diretamente vinculadas à missão do ensino superior.

Nessa ideia de envolvimento, Kuh *et al.* (2006) consideram fundamental o papel do professor e sua participação para o desenvolvimento estudantil e da própria instituição na qual está inserido. Para esses autores, docentes que proporcionam e compartilham experiências de aprendizagens adequadas e significativas, inclusive na esfera internacional, conseguem cooptar maiores níveis de participação de seus estudantes. Para que ocorra esse contágio motivacional, no ambiente acadêmico, Zepke & Leach (2010) afirmam que as instituições devem fornecer mecanismos que favoreçam o clima organizacional e subsidiem os profissionais da educação a desempenharem bem suas atividades acadêmicas-científicas de interesse.

Em uma visão que envolve não necessariamente a participação de professores, mas sim de pesquisadores, Romani-Dias (2018) propõe que a internacionalização destes pode ser definida como um fenômeno de quatro dimensões – PRID, que correspondem: I - ao lugar ou local (*place*); II - ao relacionamento (*relationship*); III – ao impacto (*impact*); e IV – à disseminação (*dissemination*). Nesse embasamento, o autor supracitado leva em consideração que um pesquisador internacionaliza sua atividade acadêmica e, conseqüentemente, sua instituição – quando se engaja em atividades acadêmicas fora do seu país de origem ou de sua residência, e/ou estabelece redes de contatos com atores acadêmicos estrangeiros, e/ou consegue publicar documentos de impacto científico internacional, que são utilizados e/ou consultados de maneira recorrente, e/ou publica suas obras em periódicos de relevância internacional, ou em cooperação com autores internacionais.

Nessa percepção, a construção e o desenvolvimento das Instituições de Ensino Superior no âmbito da internacionalização acontecem a partir da realidade de cada sistema educacional, através de estratégias e de políticas que estejam em consonância com o avanço social do seu entorno. Para tanto, recursos orçamentários, adequação estrutural, qualificação de material humano e planejamento estratégico são medidas a serem discutidas e que requerem conversão de esforços para serem implementadas, devido às barreiras existentes. O

Quadro 2, a seguir, ilustra as barreiras no processo de internacionalização que podem ser enfrentadas pelas IES.

Quadro 2 – Barreiras para a internacionalização das IES.

Nível	Obstáculos
I N S T I T U C I O N A L	Resistência das IES para mudar para uma cultura de internacionalização;
	Falta de coordenação entre pesquisadores e funcionários para o processo da internacionalização das IES;
	Dificuldade em desenvolver consenso com a equipe sobre internacionalização;
	Falta de recursos (monetários) para atividades de internacionalização;
	Falta de responsabilidade direta que apoia iniciativas internacionais;
	Políticas e procedimentos administrativos que desencorajam essas atividades;
	Dificuldade em cultivar a diversidade de estudantes internacionais nas IES;
	Dificuldade em medir a equivalência de disciplinas para alunos e calendário acadêmico;
	Falta de reconhecimento da IES de publicações internacionais feita pelo pesquisador;
I N D I V I D U A L	Falta de conhecimento de pesquisadores sobre os procedimentos de periódicos estrangeiros;
	Baixa participação de pesquisadores em associações, encontros e revistas acadêmicas;
	Estudos que testam apenas teorias e limitações internacionais existentes da área de Administração;
	Compreensão insuficiente da língua estrangeira;
	Falta de clareza dos pesquisadores sobre os benefícios / importância da internacionalização;
	Falta de conhecimento de pesquisadores e funcionários sobre o processo de internacionalização das IES;

Fonte: Romani-Dias (2018, p.26).

Como se pode perceber no Quadro 2, Romani-Dias (2018) indica que dentro dos muros da instituição, a resistência das IES em se projetar para uma cultura de internacionalização, como também os valores, normas e crenças arraigados dificultam esse tipo de mudança organizacional. Nessa categoria é possível citar como barreiras a falta de coordenação por parte dos gestores acadêmicos sobre o processo de internacionalização e a falta de consenso entre os gestores (e a equipe da IES em geral) sobre o significado da internacionalização e, sobretudo, sobre como a internacionalização deve ser realizada.

Logo, a falta de compreensão e de experiência das IES com o processo de internacionalização resultam em políticas e procedimentos administrativos que desestimulam a efetivação de tal processo.

3. Metodologia

A presente pesquisa é de caráter exploratório e desenvolvida por meio de uma abordagem quanti-qualitativa. Utilizamos como instrumento metodológico um questionário *on line* com 107 docentes efetivos da UEPB. O referido instrumento foi disponibilizado no site da UEPB, no período de 28 de fevereiro a 31 de março de 2019. Em relação a abordagem utilizada, dizemos que:

Relação entre a quantitativa (objetividade) e a qualitativa (subjetividade) não pode ser compreendida como de oposição, como também não se reduz a uma continuação. As duas realidades permitem que as relações sociais possam ser analisadas nos seus diferentes aspectos (Brüggemann & Parpinelli, 2008, p. 564).

Nesse estudo, o aspecto quantitativo está representado nas porcentagens calculadas de acordo com a quantidade que determinada resposta se fazia presente. Essas porcentagens estão representadas em oito gráficos elaborados, concernentes às questões que compuseram o instrumento metodológico dessa investigação.

No que tange ao cenário e contexto da pesquisa, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) é uma instituição de educação superior, fundada em 1966, com sede em Campina Grande, Paraíba, Brasil, e presença em mais 7 municípios paraibanos. Atualmente, a estrutura da UEPB conta com 8 *campi*, 15 bibliotecas, 2 museus, 5 clínicas escolares, 101 cursos (58 de graduação, 41 de pós-graduação e 4 de cursos técnicos) e 18.000 estudantes. Todos os anos, 3.000 estudantes se juntam a essa comunidade acadêmica (UEPB, 2019).

Cabe destacar que a UEPB tem como missão institucional a formação de cidadãos através da produção e da socialização do conhecimento, no anseio de contribuir para o desenvolvimento sociocultural da Região Nordeste e, especificamente, do estado paraibano,

sempre em harmonia com o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Estado, primando pela observância aos seguintes princípios: Identidade, Autonomia, Unidade, Diversidade, Qualidade e Participação (UEPB, 2019).

Atualmente, a UEPB conta com um quadro de 857 professores efetivos, dos quais: 64,32% apresentam o título de doutorado; 28,52% de mestres; 6,47% possuem graduação *lato sensu* e; 0,69% são apenas graduados (UEPB, 2019). Objetivando obter um diagnóstico acerca do estágio de internacionalização no qual os docentes da UEPB estão inseridos, foi lançado um questionário em 28 de fevereiro de 2019, o qual ficou disponível até 31 de março do mesmo ano, com 18 indagações conexas à participação em atividades técnicas e acadêmicas nas várias modalidades de iniciativas que podem ser desenvolvidas em parceria com instituições estrangeiras.

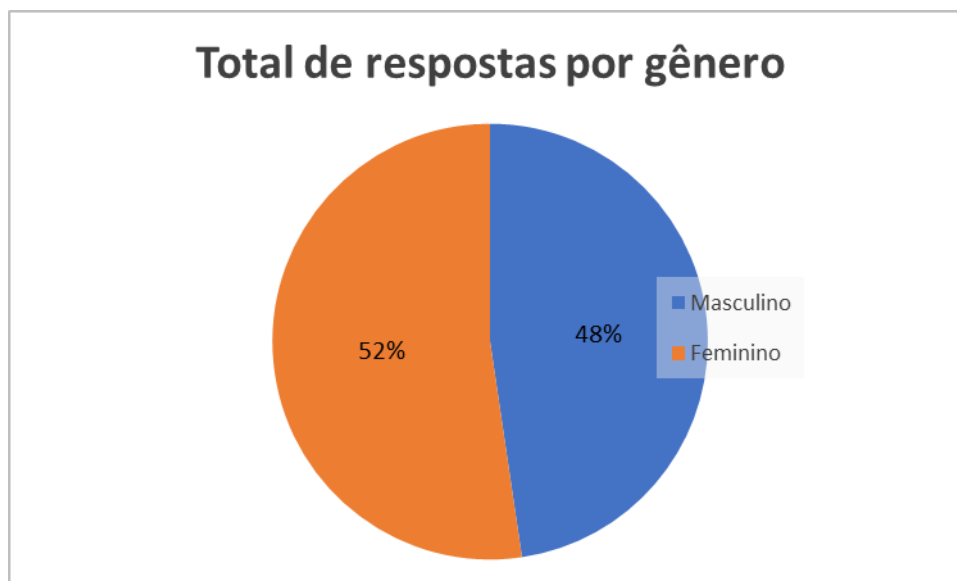
Para consubstanciar os dados coletados e as discussões, também foram levados em consideração as visitas de observação nos *campi* da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através do evento da Coordenadoria de Relações Internacionais – CoRI, intitulado “Caravana CoRI”, que contou com momentos em que foram realizados debates com professores que tinham interesse em participar de atividades que envolvessem questões voltadas para a internacionalização. Os dados coletados no questionário foram interpretados considerando a amostragem - não probabilística - obtida junto aos professores que se voluntariaram a responder a referida pesquisa.

Desse modo, partiu-se da linha de raciocínio de Gramsci (1966), o qual afirma que quando se quer trabalhar sobre a quantidade, ao passo de desenvolver o aspecto “corpóreo” do real, que não implica em olvidar a “qualidade”, pelo contrário, mas com a pretensão de colocar o problema qualitativo de forma mais concreta e realista.

4. Resultados e Discussões

A partir do questionário enviado para os professores da UEPB, foram obtidas um total de 107 respostas, dentre os professores voluntários, 52% são do gênero feminino e 48% do gênero masculino (Gráfico 1). Esse número corresponde a 12,48% do total de docentes efetivos e que estão em desempenhando atividades na referida instituição.

Gráfico 1 - Total de respostas concernente ao gênero.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O gráfico acima mostra uma participação maior dos docentes do gênero feminino no presente estudo. Embora, pesquisas indicam uma prevalência de professores do gênero masculino empregados nas IES brasileiras. Como afirma Assumpção (2014, p.21):

Ao contrário da hegemonia feminina em praticamente todos os números relativos ao acesso ao ensino superior e à sua conclusão, o número de docentes do sexo masculino ainda é, em média, 10 pontos percentuais mais elevado do que o feminino. Em 2012, a composição ficou em 54,72% de homens e 45,28% de mulheres, e esta é uma média que se manteve mais ou menos inalterada no período avaliado (2006-2012).

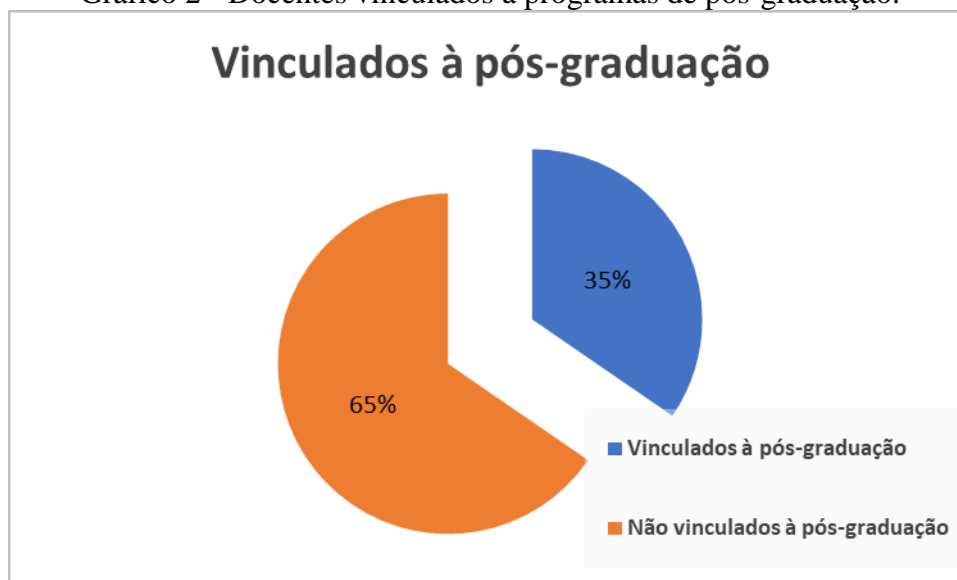
Apesar da participação hegemônica de discentes do gênero feminino no ensino superior, quando o assunto é empregabilidade nas IES ocorre uma diferença significativa.

O fato de termos uma maior participação de docentes do gênero feminino participando da presente pesquisa, indica um interesse maior desses docentes em participar de um processo de internacionalização oferecido pelas IES.

Ainda com objetivo de identificar o perfil acadêmico dos docentes participantes desse estudo e com interesse em cooperações internacionais, também se buscou as informações quanto ao envolvimento ou não desses docentes em programas de pós-graduação. Seguindo a perspectiva da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, a qual tem envidado esforços em internacionalizar as Instituições de Ensino Superior brasileiras, percebe-se que houve interesse em participar do diagnóstico em tela dos professores que atuam em programas de doutorados, mestrado e especializações na UEPB e

em outras instituições superiores. Assim, o Gráfico 2 demonstra os docentes vinculados à programas de pós-graduação da UEPB.

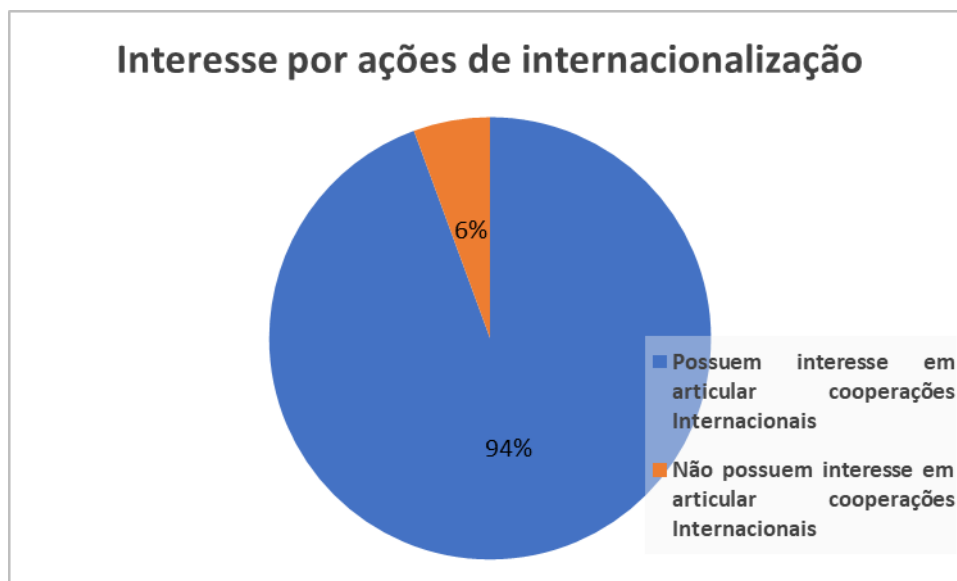
Gráfico 2 - Docentes vinculados à programas de pós-graduação.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Assim, como percebido no gráfico 2, 35% dos participantes afirmaram estar vinculados a algum curso de pós-graduação. Pertinente destacar o número de professores envolvidos com estes cursos é significativamente inferior à quantidade daqueles que atuam apenas nos cursos de graduação. Sem levar em consideração de maneira determinística a área de atuação, procurou-se identificar, conforme pode ser observado no Gráfico 3, o percentual de docentes interessados por ações de internacionalização.

Gráfico 3 - Interesse docente na internacionalização universitária.



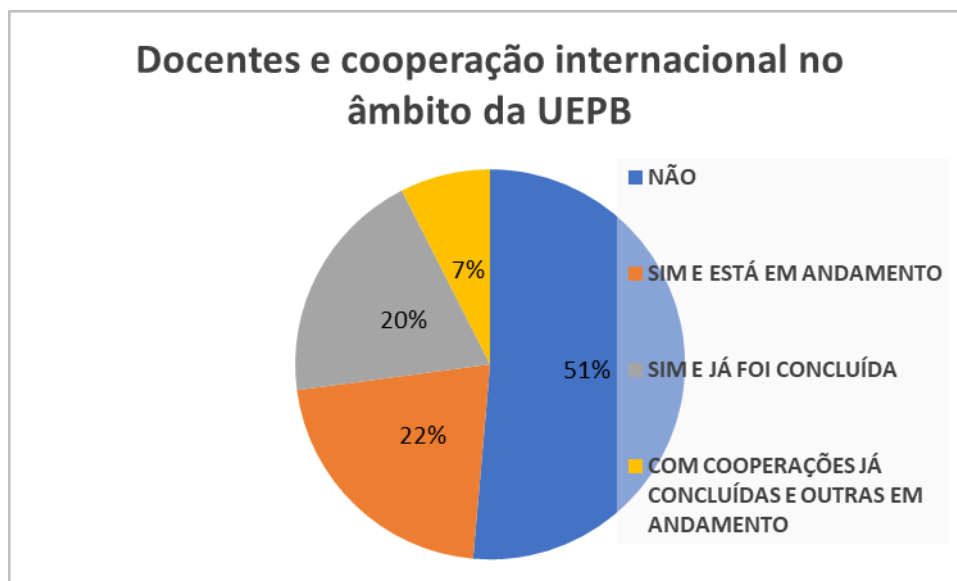
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nessa linha de observação, o primeiro dado que chama a atenção é que 94% dos docentes que responderam ao questionário, demonstram interesse em articular cooperações internacionais. Assim, observa-se um número significativo de docentes da UEPB, independentemente de estarem atuando nos programas de pós-graduação ou na graduação, que desejam efetuar ações de internacionalização.

Com relação às articulações internacionais, Soares (2017) compreende que a troca de experiências pessoais e culturais de cooperações multilaterais, que atravessam as fronteiras das nações, enriquece o conhecimento acerca de diversas realidades, culturas, sociedades e faz cada participante refletir sobre o seu próprio modo de enxergar o mundo e os outros, traduzindo-se numa inclusão global.

Apesar desse alto índice de interesse em firmar parcerias com pesquisadores de outros países, o Gráfico 4, a seguir, denota que número de professores que já participou ou que ainda participa de ações voltadas à área internacional na UEPB é relativamente baixo.

Gráfico 4 – Participação de docentes em cooperações internacionais.



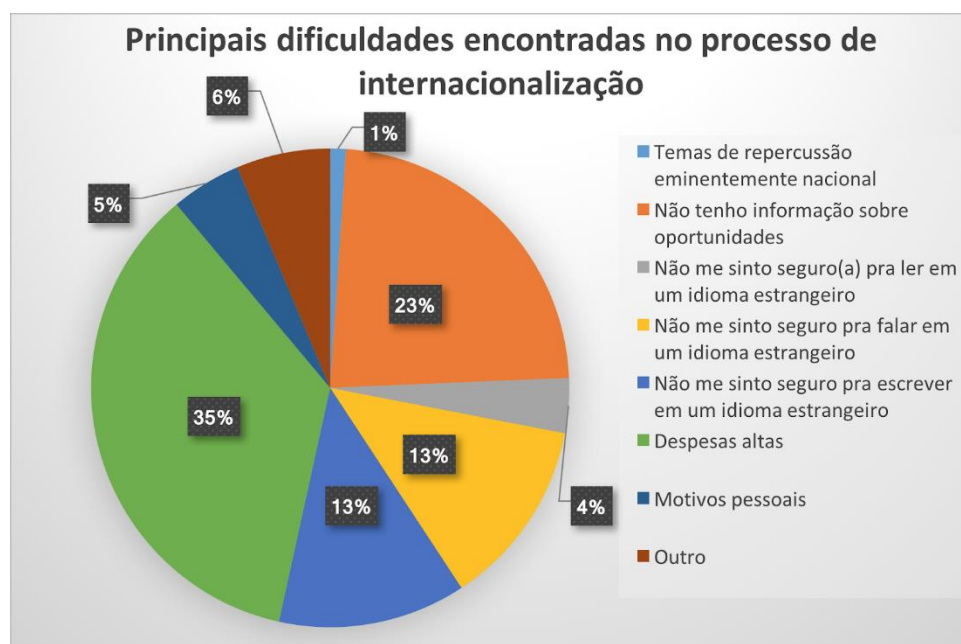
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Através de um mergulho nessa sondagem, dos 107 professores que responderam à pesquisa, 71% não estão envolvidos com investigações conjuntas no campo internacional, levando em conta que 51% deles nunca estabeleceram nenhum tipo de colaboração com instituições de ensino superior estrangeiras.

Nessa averiguação, nota-se um percentual baixo de docentes da UEPB que atuam em parceria com instituições que estão além das fronteiras brasileiras (22%) e uma porcentagem ainda menor de professores que conseguiram concluir uma cooperação com alguma instituição no exterior e se engajaram novamente em outro auxílio mútuo internacional (somente 7% dos docentes que responderam ao questionário. Por fim, pertinente destacar que 20% afirmaram que chegaram a concluir alguma tipo de atividade desenvolvida com parceiros internacionais.

Segundo Romani-Dias (2017) os docentes das IES encontram algumas barreiras em desenvolver ações de internacionalização dentre as mais recorrentes, tem-se: o custo para realizar mobilidade internacional (despesas altas), a não compreensão de como se dá o processo de internacionalização e a dificuldade em dominar outros idiomas. As informações acerca das dificuldades de engajamento no processo de internacionalização expressas Gráfico 5 coadunam com os desafios elencados pelo referido autor.

Gráfico 5 – Dificuldades na internacionalização.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Observa-se que muitos professores sinalizam que o processo de internacionalização é dispendioso e, via de regra, referem-se aos custos para realizar mobilidade internacional. Todavia, o intercâmbio é apenas uma faceta de tal processo, haja vista que várias outras ações podem ser feitas sem que seja necessário depender de gastos elevados. Esse fator implica em outra dificuldade destacada: a falta de informação e de conhecimento em elaborar projetos de intercâmbio internacional de baixo custo. O avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, frutos da contemporaneidade, possibilita interações de povos de culturas distintas. Por meio do mundo virtual, pode-se realizar eventos científicos, participar de defesas de dissertações e teses, ministrar aulas, assim como construir instrumentos de investigações, a exemplo de questionários *on line* que venham a formentar o processo de intercâmbios entre as IES.

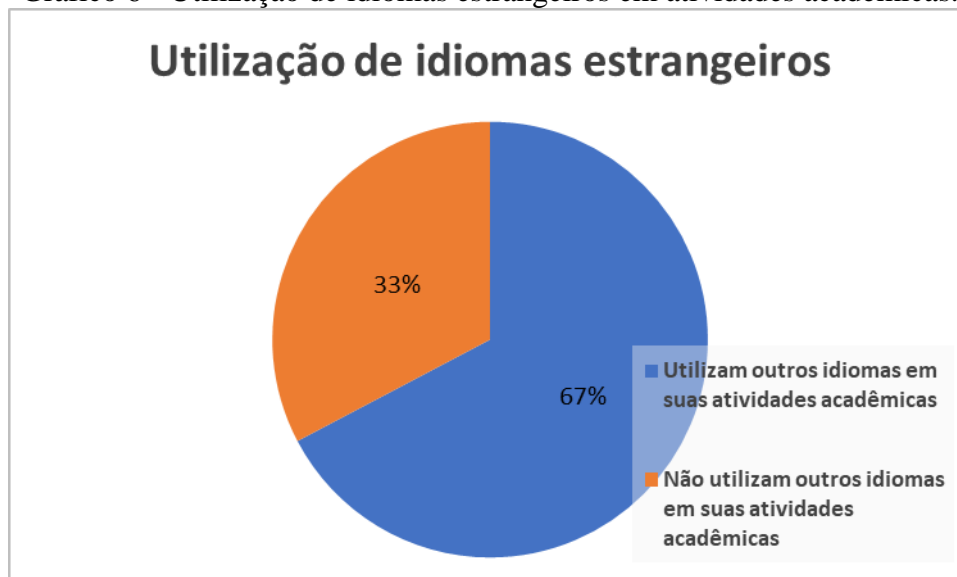
Finardi & Amorim (2017) compreendem que a comunidade acadêmica está interessada no processo de internacionalização e percebem a importância dos programas de internacionalização e do domínio das línguas estrangeiras, mas ainda não está plenamente engajada nesse processo, talvez pela ausência de sintonia entre os níveis de política macro, meso e micro brasileiros e de ações de internacionalização mais eficazes.

Devido à complexidade de docentes iniciarem e de se engajarem em cooperações internacionais, como também percebido na aferição dos professores da UEPB, De Wit (2002) avalia a importância das atividades de ensino como parte do construto da “internacionalização do pesquisador”, tendo em vista que aprofundar os estudos em determinada área, se por um

lado delimita o estudo, por outro, proporciona um alinhamento entre o campo fértil de atuação e outros estudos internacionais, assim como se potencializa, a partir do interesse de explorar novos horizontes em atividades conjuntas de pesquisa.

Imprescindível na mútua cooperação internacional está a fluidez da comunicação, que se afunila através do conhecimento da língua estrangeira utilizada pelo outro. Em que pese a predominância da língua inglesa em ações acadêmicas e científicas, essa interação voltada para qualquer que seja o idioma produz uma reação em cadeia, conforme afirma Ruggieri (2018), ao se reportar que a troca de experiência entre idiomas enriquece o lado cognitivo, social e intercultural das pessoas, amplia horizontes e cria laços. Nessa construção de conhecimento, o Gráfico 6, a seguir, ilustra a utilização de outros idiomas em atividades acadêmicas.

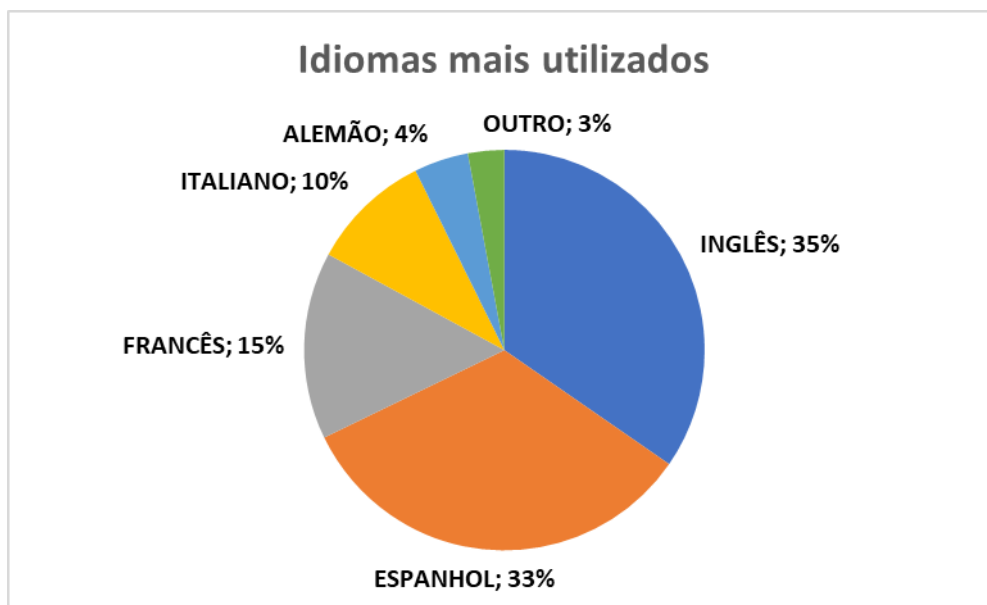
Gráfico 6 - Utilização de idiomas estrangeiros em atividades acadêmicas.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No que tange à utilização de idiomas estrangeiros pelos docentes da Universidade Estadual da Paraíba no desempenho cotidiano de suas atividades acadêmicas, conforme dados extraídos do gráfico 6, apenas 33% afirmaram que fazem uso de outras línguas. A negativa por parte de 67% dos docentes denota uma problemática comum a população brasileira. Estudos realizados pela British Council (2014, p.7) afirma que “no Brasil, 5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês”. O Gráfico 7 demonstra o idioma estrangeiro mais utilizado pelos participantes do presente estudo.

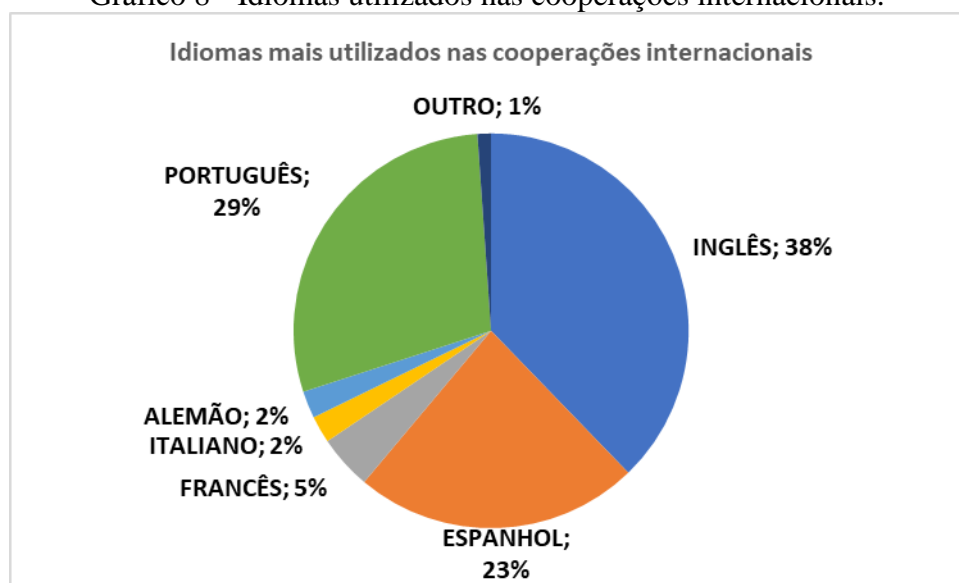
Gráfico 7 - Idiomas estrangeiros utilizados.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Debruçando-se ainda sobre as questões relacionadas ao uso de idiomas no âmbito das atividades da instituição, a língua inglesa e a hispânica surgem como as mais utilizadas, com 35% e 33% respectivamente, como ilustra o Gráfico 7. Esses dados corroboram com as seguintes lógicas: o inglês surge como grande idioma global e; a localização geográfica do Brasil, cercado por países que utilizam o espanhol, e as similitudes com a língua portuguesa fomentam a utilização da língua hispânica. Pertinente destacar que os idiomas francês (15%), italiano (10%) e alemão (4%) também são citados na pesquisa. Nessa perspectiva, o Gráfico 8 demonstra os idiomas mais utilizados nas cooperações internacionais estabelecidas pela UEPB.

Gráfico 8 - Idiomas utilizados nas cooperações internacionais.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O gráfico 8 retrata uma predominância do inglês como idioma mais utilizado nas cooperações internacionais pela UEPB, ao apontar 38% dos professores que responderam ao questionário. Em segundo lugar, aparece a própria língua oficial do Brasil – o português – que oportuniza, via de regra, estreitar o laço com países lusófonos. Em sequência, o espanhol, bastante usado na cooperação Sul-Sul e que faz uma rede de parcerias considerável entre países hispano-americanos. Observa-se nos outros idiomas um percentual de pequena expressão no que diz respeito à sua utilização e à sua influência para firmar e manter cooperações.

Nesse sentido, Fiorin (2007) ressalta que a barreira do idioma é muito destacada na literatura. A linguagem, por exemplo, amplamente utilizada na pesquisa acadêmica é o inglês, que tem um estilo de escrita diferente do habitual utilizado por latinoamericanos - português e espanhol. Com efeito, os pesquisadores brasileiros que não se adaptam a esta realidade, conseqüentemente, terão dificuldade em se expressar adequadamente na esfera internacional.

5. Considerações Finais

Como visto, não se pode preterir que o processo de internacionalização do ensino superior já integra a missão universitária, por produzir efeitos intrínsecos e extrínsecos às IES e se relacionar a questões locais, regionais, nacionais e globais. Nessa conjuntura, notou-se que esse processo na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB ainda se apresenta de forma embrionária, com ações em pequena escala e que envolvem um nicho limitado de professores e pesquisadores.

No que tange às dificuldades, constatou-se que uma das grandes barreiras enfrentadas pelos docentes para se engajarem no processo de internacionalização está relacionada ao não domínio de outros idiomas. Os professores da UEPB apontaram que sentem muita dificuldade em se comunicar com outras Instituições de Ensino Superior Estrangeiras, sobretudo, por causa da comunicação que, via de regra, os docentes de outras instituições não têm fluidez na língua lusófona.

Assim, é um processo *sine qua non* para o avanço das ações de internacionalização que as IES ofereçam cursos de extensão de língua estrangeira, em todos os níveis, para o seu corpo docente, técnico e discente. Além disso, foi detectado que os docentes avaliam que as despesas são altas para concretizar ações com outras IES estrangeiras. Essa dificuldade está

relacionada à ausência de uma política internacional oferecida pela esfera federal que possa financiar projetos de pesquisas.

Em relação aos reflexos que implicam no campo institucional, percebe-se que grande parcela dos docentes da UEPB não compreende a cooperação internacional como parte da construção de um processo de internacionalização, que não se traduz em resultados imediatos. Nesse sentido, deve-se levar em consideração olhares visionários, de médio e longo prazo, que zelem pela estruturação permanente e capacitada para a gestão da área, no intuito de tornar o processo de internacionalização institucional mais sólido e as conexões docentes no exterior menos reativas e individuais, mas que primem por um engajamento proativo e estratégico para criar capilaridade das redes internacionais, a partir de políticas claras e bem delineadas.

Portanto, sugerimos que as IES busquem: dar visibilidade ao processo de internacionalização; elaborar um Plano de Desenvolvimento Institucional condizente com esse fenômeno; e, de maneira sistemática, ampliar de maneira estratégica parcerias, tanto no âmbito nacional como internacional, com outras IES e com organizações governamentais ou não. Cabe frisar que por meio de parcerias bem estabelecidas, as IES poderão fomentar recursos que venham a fortalecer intercâmbios de docentes, técnicos e discentes, aprimorar a qualidade da produção científica, condensar vínculos em programas de graduação e pós-graduação e, desse modo, desenvolverem-se através da mútua cooperação.

A fim de contribuir com outros pesquisadores que objetivam investigar o envolvimento do corpo docente no processo de internacionalização de uma IES, destacamos que os dados obtidos nesse estudo denotam a existência de um viés pendular docente. Pois, percebe-se que os professores que responderam o questionário, em sua maioria, são aqueles que já demonstram algum nível de interesse em proceder com colaborações internacionais.

Desse modo, é necessário que seja desenvolvido um método capaz de atrair uma amostra mais diversificada, que, conseqüentemente, viabilizará a configuração de um cenário mais próximo com a realidade de cada instituição. Ademais, temos a pretensão de – a partir das reflexões aqui explanadas – construir uma série histórica desse fenômeno na UEPB.

Referências

U.S. universities. In C. Klasek (Ed.), *Bridges to the futures: Strategies for internationalizing higher education* (191–203). Carbondale, IL: Association of International Education Administrators.

Assumpção, A.S.B.M. (2014). *A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade*. Cadernos do Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil - GEA. 6 (2), 07 - 46.

Azevedo, M. (2016). A educação superior em tempos de internacionalização: cinco mitos, nove enganos e cinco verdades. In: CUNHA, Célio da; SOUSA, José Vieira de; SILVA, Maria Abádia da. (Org.). *Internacionalização da educação: discursos, práticas e reflexos sobre as políticas educativas*. Belo Horizonte: Fino Traço.

Brasil (2017). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, – Lei nº 9.394/1996*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. Acessado em 02 de junho de 2019, em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf.

British Council (2014). *Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil*. São Paulo: Instituto de Pesquisa Data Popular. Acessado em 28 de maio de 2019, em https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf

Brüggemann, O. M. & Parpinelli, M. A. (2008). Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. *Revista Escola Enfermagem USP*, 42(3), 563-568.

De Wit, H. (2002). *Internationalization of higher education in the United States of America and Europe: A historical, comparative and conceptual analysis*. Westport, Greenwood.

De Wit, H., Gacel-Avila, J., Jones, E. & Jooste, N. (2017) *The globalization of internationalization: emerging voices and perspectives*. Internationalization in higher education series. Nova York: Routledge.

- Finardi, K.R. & Amorim, G.B. (2017). Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, 22(3),614-632.
- Fiorin, J. L. (2007). Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 4(8), 263-281.
- Gramsci. A. (1966). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Knight, J. (1994). *Internationalization: Elements and checkpoints*. Ottawa: Canadian Bureau for International Education.
- Kuh, George al. (2006). *Connecting the dots: Multi-faceted analyses of the relationships between student engagement results from the NSSE, and the institutional practices and conditions that foster student success*. Indiana University, Bloomington. Acesso em 23 mai. 2019 em <https://www.soe.vt.edu/highered/files/Perspectives_PolicyNews/08-06/StudentEngagement.pdf>
- Leal, F. G., Céspedes, R. R. & StallivierI, L. (2017). O perfil do gestor universitário de cooperação internacional no Brasil. Internext. *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais*, 12 (2), 01-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/1980-4865.1221-16>
- Morosini, M. C., & Corte, M. G. D. (2018). Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. *Revista Educação Em Questão*, 56(47), 97-120.
- Romani-Dias, M. (2018). *Internationalization in higher education : the fundamental role of faculty / Marcello Romani-Dias*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- Ruggieri, A. (2017). Donne Migranti In Italia Una Buona Pratica Nella Città Di Roma. *Revista Educação Inclusiva – REIN*, 1(1), 1-9.

Soares, C. C. *Tecendo saberes etnomatemáticos: um diálogo intercultural entre Brasil e Timor-Leste*. Dissertação – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – 2017.

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. (2019). Dados Institucional - Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Acessado em 04 junho, em www.uepb.edu.br

Zepke, N. & Leach, L. (2010). *Improving student engagement: ten proposals for action*. *Active Learning in Higher Education*, Brunel University, UK, 11(3), 167-177.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Cláudio Simão de Lucena Neto – 25%

Christiano Cordeiro Soares – 25%

Eduardo Gomes Onofre – 25%

Gilberto Rodrigues Carneiro – 25%